



## **A CONFIGURAÇÃO DO IDEÁRIO PROPOSTO PARA O OFÍCIO DE MESTRE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO GRUPO ESCOLAR DOUTOR OTAVIO MEIRA, NO MUNICÍPIO DE BENEVIDES, ESTADO DO PARÁ**

*THE CONFIGURATION OF THE PROPOSED IDEAL FOR THE MASTER'S OFFICE IN THE EDUCATIONAL PRACTICES OF THE OTAVIO MEIRA SCHOOL GROUP, IN THE MUNICIPALITY OF BENEVIDES, STATE OF PARÁ*

Paulo Sérgio de Almeida Corrêa  
Brianna Souza Barreto  
**Universidade Federal do Pará- UFPA**

### **Resumo**

Como o ofício de mestre idealizado se desdobrava nas práticas educativas dos intelectuais que se ocupavam do magistério no Grupo Escolar Otávio Meira, no município de Benevides, Estado do Pará? Pesquisa historiográfica, com uso de fontes bibliográficas, documentais e orais, servindo-se de documentos primários e secundários, incidindo no período de 1965–1976. O exercício do ofício de mestre no grupo escolar constituiu-se, para as professoras participantes desta investigação, em plena realização. O ser professora, seja motivada por dom, vocação ou possibilidade de acesso a vida profissional, é motivo de orgulho para estas que se dedicaram para ver seus alunos aprenderem os conhecimentos escolares e tantos outros úteis para suas vidas. Para elas, realização é olhar para trás e ver seu êxito na missão em educar.

**Palavras-chave:** Instituições Escolares; Ofício de Mestre; Práticas Educativas.

### **Abstract**

How did the idealized master's office unfold in the educational practices of the intellectuals who were in charge of teaching at Otávio Meira School Group, in the municipality of Benevides, State of Pará? Historiographic research was used as a research method, using bibliographical, documentary sources and oral, using primary and secondary documents, covering the period 1965-1976. The exercise of the teacher's office in the school group constituted, for the teachers participating in this investigation, in full realization. Being a teacher, motivated by gift, vocation or possibility of access to professional life, is a source of pride for those who have dedicated themselves to see their students learn the school knowledge and so many others useful for their lives. For them, success is to look back and see their success in the mission in educating.

**Keywords:** School institutions; Master Craft; Educational Practices.



## Introdução

A escola primária republicana instaurou ritos, espetáculos, celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrara-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato, ela passou a celebrar a liturgia política da república; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria. Festas, exposições escolares, desfile dos batalhões infantis, exames e comemorações cívicas constituíram momentos especiais na vida da escola pelos quais ela ganhava ainda maior visibilidade social e reforçava sentidos culturais compartilhados. Eles podem ser vistos como práticas simbólicas que, no universo escolar, tornaram-se uma expressão do imaginário sociopolítico da República (SOUZA, 1998, p.241).

Os estudos desenvolvidos por Arroyo (2013), Faria Filho (2007), Saviani (2013) e Souza (1998) trataram, sucessivamente, do ofício de mestre e da instrução elementar, bem como a respeito das ideias pedagógicas e escolas primárias implantadas no Brasil. Ainda são poucos os estudos sobre a participação dos Grupos Escolares na propagação das políticas educacionais no contexto da Unidade Federada do Pará.

Para a construção deste artigo, partiu-se do seguinte problema de pesquisa: Como o ofício de mestre idealizado se desdobrava nas práticas educativas dos intelectuais que se ocupavam do magistério no Grupo Escolar Doutor Otávio Meira, no município de Benevides, Estado do Pará?

Estabeleceu-se como pretensão do estudo analisar a configuração do ideário proposto para o ofício de mestre nas práticas educativas no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira, no município de Benevides, Estado do Pará<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Essa instituição educativa foi fundada em 1946 como Escola Reunida Doutor Otávio Meira, tornando-se Grupo Escolar Doutor Otavio Meira no ano de 1965, época de vigência da ditadura militar no cenário político brasileiro, e momento em que o Pará passou a desenvolver ações visando expandir o atendimento escolar mediante essa forma institucional, perdurando sob essa nomenclatura até o ano de 1976, momento em que passou a se chamar escola de primeiro grau Doutor Otavio Meira. Atualmente denominada Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Doutor Otávio Meira (BARRETO; CORRÊA, 2015).



A construção desta seção foi possível com a colaboração das professoras que participaram do processo educativo ocorrido no referido grupo. Um dado interessante observado nos documentos dessa instituição educativa foi que o quadro docente era composto só por mulheres. As memórias narradas pelas professoras do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira trouxeram indispensáveis contribuições à escrita da historiografia educacional do período objeto desta Dissertação.

Investigar as memórias das docentes que atuaram no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira foi um árduo e prazeroso trabalho. Ouvi-las rememorar e reviver o momento de sua atuação enquanto docente no grupo escolar, permitiu perceber a satisfação da maioria delas pela realização do exercício docente, descrito nas várias funções possíveis ao educador, elas relatam que a saudade que sentem é da sala de aula, da emoção e do prazer de ver seus alunos aprenderem as primeiras letras, seja na leitura ou na escrita, o que lhes permitia acessar um mundo de conhecimentos.

### **Identificação dos Entrevistados**

Foram entrevistadas seis professoras entre as que atuaram no Grupo Escolar Doutor Otávio Meira no período proposto para esta pesquisa. As mesmas, à época de desenvolvimento deste estudo, no ano de 2015, apresentavam as idades, conforme segue: professora 1 – 73 anos; professora 2 – 72 anos; professora 3 – 64; professora 4 – 81 anos; professora 5 – 71 anos e professora 6 – 63 anos. Todas lúcidas e gozando de boa saúde.

O ingresso das professoras no magistério deu-se na seguinte fase etária da vida: professora 1 – 13 anos; professora 2 – 19 anos; professora 3 – 23; professora 4 – 31 anos; professora 5 – 21 anos e professora 6 – 21 anos. Nos casos das professoras 1 e 2 o ingresso no magistério não coincide com o ingresso no grupo escolar. As professoras 2, 4 e 5 iniciaram seu percurso docente no referido grupo na década de 1960, as demais



na década de 1970. As diferenças de período de ingresso permitiram perceber assimetrias no contexto a que as professoras se referem.

O ingresso para o exercício do magistério no Grupo Escolar Doutor Otávio Meira divergiu entre aprovação em concurso público e contratação por indicação política. Entre as entrevistadas, 50% ingressou no serviço público via concurso público e 50% por indicação política. A professora 4 relata:

*Eu passei em um concurso do Estado. Só tinha a minha quinta série primária, aí entrou o Governo Jarbas Passarinho e aquelas professoras que tinham até cinco anos de serviço tinham que fazer o concurso, né, e eu num tava exercendo nada, mas aí foi dito pra mim que aquelas que tivessem a quinta série e pudessem fazer o concurso, podia fazer, aí eu ingressei. Fiz o concurso e passei, segundo lugar do município todinho. Fazia dezesseis anos que eu não tinha mais nada de livro, fazia dezesseis anos que eu tinha feito a minha quinta série.*

Na mesma época em que a professora 4, a professora 5 diz que ingressou

*Através de político, hoje em dia, concurso, essas coisas todas né. Antigamente era, se tornava mais fácil, pra quem conhecia. Como meus pais se davam muito com ele, aí quando terminei o curso lá no Colégio Antonio Lemos, aí ele se ofereceu se eu queria arranjar um emprego. Claro que eu queria! Aí eu levei os documentos e em pouco tempo saiu.*

A professora 6 ingressou em 1974, quando a instituição vivia seus últimos anos enquanto grupo escolar, por indicação política.

*Foi, naquele tempo, a gente começava a trabalhar como professora era por indicação dos prefeitos. Então foi o prefeito atual da época, de 74, que conseguiu esse contrato pra mim e eu trabalhei 24, 25 anos, aí me aposentei com 45 anos de idade e lá a escola era muito boa.*

A relação profissional das professoras entrevistadas é sempre ligada a sua história de vida e família. Arroyo (2013, p.14) narra entre outros fatores de sua participação em um encontro de professores que

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*Revisitar o magistério é como revisitar nosso sítio, nosso lugar, nossa cidade. É reviver lembranças, reencontros com nosso percurso profissional e humano. Reencontrar-nos sobretudo com tantos outros e outras que fizeram e fazem percursos tão idênticos. O magistério é uma referencia onde se cruzam muitas histórias de vidas tão diversas e tão próximas.*

Ao relatar a vivência no grupo escolar, elas sempre relacionam o momento vivido no grupo a acontecimentos em família. O ser professor, como nos relatos de Arroyo (2013), correspondia a uma pessoa que carregava consigo, nos diferentes espaços em que transitasse, a responsabilidade de um ser que educa e é moralmente exemplar para a sociedade que o cerca.

Assim, quando falam sobre o seu exercício docente, no exercício de sua memória, relacionam seu momento profissional ao que acontecia em sua família, seja no seu casamento ou na espera de um bebê. A professora 1 informa que iniciou seus trabalhos no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira via transferência de uma escola estadual que a mesma trabalhava em Belém, visto seu marido ter sido transferido para o município de Benevides pela Polícia Rodoviária Federal e a mesma optou por morar em Benevides visando melhor qualidade de vida para seus filhos

*Ele trabalhava lá no km 92 aí colocaram pra cá pro posto de Benevides. Aí ele gostou daqui e o prefeito na época era o seu Nagib Salomão Rossi e gostou muito dele e disse assim, se ele não queria um terreno aqui pra morar pra cá, aí ele consultou comigo, aí nós aceitamos. Porque nós morávamos no telégrafo, na passagem náutica, paralela aquela antiga rodovia sinape, mas é, não tinha assim quintal, era bem pequenino o quintal, então eu tinha muitos filhos, então eu achei bom porque eu vim aqui olhar e, e essa área aqui que eu moro né, ele cedeu pra nós e aí era muito bom vir pra cá com as crianças. [...] E foi muito bom e nós viemos morar em Benevides em 1973, estamos aqui há 43 anos, a gente se mudou no dia 28 de fevereiro de 1973. Aí nós viemos pra cá, aí eu me apresentei no grupo escolar que a diretora de lá, a irmã Gorete me deu um memorando né, de transferência pra cá que ela foi pegar na SEDUC, aí me deu e eu vim pra cá e cheguei aqui e vim trazer, aí a diretora tava saindo que deixou a secretária né, perguntou assim: “onde é que*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*“você quer trabalhar?”, digo “olha, onde a senhora me colocar né”, mas eu fui olhar ali em Canutama, mas eu não gostei porque é longe dali onde vai ser a minha casa, onde é a minha casa, que era aqui né, no bairro liberdade. Então, é muito longe diretora, pra mim ir pra Canutama. Ela disse: “não, mas veio aqui o seu currículo na sua portaria, você vai ser muito útil aqui na nossa escola, Otavio Meira, porque você tem o curso de primeira a sexta série, estão implantando, implantaram o primeiro grau né, então pra nós aqui é muito importante que a senhora fique aqui, no grupo sede, aqui é a escola sede” ela falou pra mim. Digo “então ta, tem vaga?” “Tem, é uma quinta série”, eu peguei disse: “eu vou ganhar bebê no mês de maio”, falei pra ela, ela disse: não importa, a sua, é, você vai estar de licença e a sua licença só vai começar a partir do dia que a senhora tiver a criança, então a senhora só vai voltar em agosto, aí dia seis de agosto a senhora vem se apresentar”. Aí quando foi dia seis de agosto eu me apresentei e justamente pra quinta série que eu trabalhei (Professora 1).*

A narrativa da professora 1, reporta-se a um momento de transição no formato que a educação escolar era apresentada. Já havia sido promulgada a LDB 5692/1971 (BRASIL, 1971), a qual trazia a proposta de primeiro e segundo graus, contudo, de fato, o Grupo Escolar Doutor Otavio Meira deu lugar a escola de primeiro grau no ano de 1977.

Outra percepção que o relato inicial das professoras possibilitou foi a estrutura do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira:

*Comecei lá no Otavio Meira, pela terceira travessa, aí vim atrás de aluno, cheguei aqui na escola e apresentei pra professora, diretora, secretária na época. E depois, aí passei pra dar aula em Canutama, numa escolinha lá que eu nem me lembro mais o nome. Era uma escolinha de duas salinhas e um meiozinho, ali que me botaram. E depois, uns três dias depois, eu vim transferida pro Otavio Meira. Também ficava numa salinha também improvisada. Isso, um ano, um ano e meio por aí, passei pra uma sala de aula grande. Era uma escola pequena também, mas eu tinha a minha sala (professora 3).*

O Grupo Escolar Doutor Otavio Meira era a escola pólo, e haviam várias ramificações, incluindo vilarejos geograficamente distantes, que hoje tornaram-se



municípios. A estrutura deste grupo tornava o trabalho difícil, pela baixa quantidade de salas, que fazia com que as professoras trabalhassem em quatro turnos e com salas superlotadas, chegando a ter 50 alunos em sala.

Ainda que as professoras entrevistadas sejam todas colegas e tenham convivido neste grupo escolar, as mesmas relatam diferentes momentos, e isso se dá pelo fato de o período de ingresso das mesmas na instituição não coincidir.

### **Orientações e Políticas oficiais dirigidas ao ofício de mestre no grupo escolar**

Ao serem questionadas sobre as orientações e políticas dirigidas ao ofício de mestre no grupo escolar, a professora 2 disse que não havia e a professora 5 afirma que não lembra. As demais, em seus relatos, mencionam formações continuadas, seja em âmbito local ou a nível estadual, conforme segue

*Logo que eu entrei, entrou só concursada mesmo. Teve o concurso e as que passaram, entraram. Aí eu fui estudar, me formei, fiz o magistério. Eu tinha só a minha quinta série, aí fui estudar a sexta, a sétima, a oitava, me formei lá no Madre Celeste em Ananindeua. Teve aí umas formação, mas aí num deu pra, ninguém dava conta sabe, que só era nas férias, aí a nossa diretora, aquelas que num eram formadas a diretora que podia a gente estudar pra ganhar melhor e daí nós fumo, fumo estudar, muitas foram estudar. Depois que nós tava já ensinando, aí teve uma, um estudo, uma formação pra alfabetizar, lá em Marituba, que agora é a polícia, sei nem como era chamado, tinha uma escola lá do governo, onde é a polícia hoje em dia, lá em Marituba. Aí nós fumo fazer esse curso pra alfabetização, várias daqui foram, pelo meno eu fui. Foi escolhida as professoras pra ir sabe. Era o município, o prefeito que chamava as escolas aí a diretora mandava duas, duas daqui, duas do município. Eu fui pelo Otavio Meira, fui pelo município aí foram várias professoras de todos os municípios do Pará. Num foi todas as professoras não, foram escolhidas (professora 4).*

*Tinha as reuniões pedagógicas. Nas reuniões pedagógicas a diretora ia lá pra seduc e trazia as orientações pra gente e essas orientações políticas voltadas ao ofício de mestre, ao trabalho. É, era essas orientações pedagógicas que a gente tinha. Não tinha formação, era*



*só reunião pedagógica. Não tinha formação, tinha nada disso não. Naquela época era (professora 6).*

O conhecimento a respeito das políticas de formação de professores e capacitação para professores leigos advinha de seu contato com a supervisora escolar. A leitura das Mensagens do Governo à Assembleia Legislativa aponta para uma atuação maior das supervisoras na capital do estado, com maior frequência, sobretudo na década de 1960.

O referido contato era voltado a atuação docente em sala de aula, métodos e conteúdos que deveriam ser trabalhados durante o ano letivo. A professora 1, que iniciou sua trajetória docente em Belém-PA mostra um diferencial a respeito de seu entendimento a respeito destas políticas, legislação educacional, ainda que a percepção sobre isso se mostre em sua resposta a outra pergunta e não nesta.

Ainda que estas docentes não demonstrem conhecimento acerca das políticas educacionais que deveriam nortear a sua atuação em sala de aula, isso não afetava a excelência com que exerciam seu ofício, evidenciando nos resultados alcançados na aprovação de seus alunos na série em que atuavam tal como no seu desenvolvimento pessoal, seja na continuidade de seus estudos ou simplesmente tornando-se cidadão de bem sem causar transtorno social na comunidade em que está inserido.

### **Políticas Educacionais para o ofício de mestre e o currículo do grupo escolar**

Quanto às políticas educacionais nacionais e do Pará em vigor naquele período, a professora 2 disse que não conhecia; as demais alegaram conhecer, contudo, em suas falas não se reportavam a elas. Sobre o currículo, a concepção das professoras entrevistadas mostra-se reducionista, relacionando apenas aos conteúdos disciplinares.

Os princípios que orientavam essa política curricular, por sua vez, eram patriotas, nacionalistas e religiosos.

*O princípio era mais patriota, eu achava, mas tinha o ensino religioso também, sempre houve. Os alunos, eu achava, havia mais respeito né,*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*assim para com o nosso país. Hoje em dia, qualquer pessoa fala tão mal do nosso país que eu num gosto, é uma coisa que eu não gosto, porque é a nossa pátria! Devemos amar a nossa pátria e devemos até pedir a Deus que oriente as pessoas que comandam pra tudo melhorar, todas as pessoas, pra melhorar o nosso país e não ta só criticando. Fazer uma crítica construtiva, tudo bem, mas todo tempo falando mal do nosso país eu não gosto, eu sou contra, eu amo o meu país! [...] então a pátria também é mãe, nós nascemos na nossa pátria, então devemos amá-la. (Professora 1)*

*O princípio cristão existia, porque até padre, padre que dava assim orientações de como a gente. Naquele tempo existia aulas de religião mais aprofundadas do que agora, eles têm mais uma coisa bem simples né, tinha Padre para nos orientar, né, pra poder dar a aula de religião durante a semana pra eles. A parte de Educação Moral e Cívica, né, nós éramos orientadas, pelo menos pra ensinar o hino nacional, hino da bandeira nacional, tudinho, hoje não existe. As pessoas, certas pessoas não sabem nem cantar o hino nacional, né verdade? E antigamente não. Antes de entrarem a sala de aula era cantado o hino nacional no pátio do colégio, hoje em dia não existe isso. Aí tudo isso nós tínhamos as orientações: na parte de religião, na parte cívica, e hoje em dia... (Professora 5).*

No período em que as docentes atuaram no grupo o país vivia, no campo político, o que ficou conhecido como ditadura militar. Neste momento se proclamava e ensinava o amor à pátria, a manutenção da ordem social e o desenvolvimento nacional. Saviani (2013, p. 362) refere-se a este momento como contraditório, visto que ao mesmo tempo em que se proclamava o nacionalismo, as forças econômicas liberais abriam o capital a um processo de “desnacionalização da economia”.

As professoras relacionam em suas falas o respeito, a ordem com os símbolos nacionais: bandeira e hino. Ensinar o amor à nação formaria cidadãos de respeito, pessoas de boa índole. Os castigos eram presentes na formação de bons hábitos, sejam castigos morais ou físicos. A relação da pátria como nossa mãe para Souza (1998) remete a figura de alguém que cuida, protege.

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



Imagem 01: Desfile cívico 7 de setembro



Fonte: Arquivo particular da professora Tarcila do Nascimento Cabá.

A influência cristã-católica era bem forte neste grupo escolar, tendo a presença de padre na instrução das professoras. Nos documentos do grupo, consta a ficha de matrícula em que se perguntava sobre a religião a que o aluno pertencia.

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



Imagem 02 – ficha de matrícula do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
1ª SEÇÃO

UNIDADE ESCOLAR: Grupo Escolar Dr. Otavio Meira

FICHA DE MATRÍCULA Nº .....

**IDENTIFICAÇÃO**

Aluno (a): [Redacted]

Sexo: Masculino Data do Nascimento: 17/01/64

Nacionalidade: Brasileira Naturalidade: \_\_\_\_\_ Cidade: Belém

Nº da Certidão: 1042 v. 6 Fm. 44 Cert. St. Barbara

Residência: Av. Santa Barbara País: \_\_\_\_\_ Nacionalidade: Brasileira

Filiação: [Redacted] Nacionalidade: Brasileira

Procedência: De outra escola

Religião: Catolico Estuda pela 1ª vez: Não

Responsável: Do Pais

Profissão do pai ou responsável: Brasal

Nº de dependentes: 0 Renda familiar Cr\$ \_\_\_\_\_

Profissão da Mãe: Domestica

Assinatura do responsável: [Redacted]

DOCUMENTOS APRESENTADOS  
Certidão de Nascimento

OBSERVAÇÕES

Fonte: Acervo particular.

## As práticas educativas desenvolvidas pelos mestres no grupo escolar

A prática educativa docente é produto de um conjunto de conhecimentos e conceitos adquiridos ao longo da vida, aos recursos didáticos e metodológicos somam-se valores, vivências escolares do período em que foi aluna, cultura social e escolar. Esse conjunto de conhecimentos influencia a atuação docente, a qual para Arroyo (2013) identifica o professor com seus colegas de profissão, por ser ele um profissional mais de afazeres e práticas do que de falas.



A respeito da preparação prévia para o exercício docente, havia reuniões com a supervisora escolar e a sua própria formação para o magistério. Nos primeiros anos do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira, na década de 1960, a presença de supervisor educacional era em situações pontuais, para os momentos de formação. Com o passar dos anos, este grupo escolar passou a contar com uma supervisora que ficava a disposição no grupo, o que possibilitou um acompanhamento mais próximo.

As opiniões das professoras sobre a presença da supervisora em sala de aula divergem. Segue o relato das docentes acerca da preparação prévia para o exercício docente:

*Havia. Tinha, assim, até durante as férias, cursinhos né, que fazia, se chamava cursinho. Pra preparar, pra se atualizar, né, mais e mais. Plano de aula, essas coisas tudinho, ensinava a fazer um plano de aula, aí a gente aprende né, quando ta fazendo o curso né, de formação de professor a gente aprende tudo isso. Eu aprendi muito no curso que eu fiz de preparação de professor. (Professora 5)*

*Planejamento. Era, primeiro o curso de magistério, que a gente precisava estudar pra se formar. Naquele tempo pra ser professor não precisava curso superior, quem fazia o magistério naquela época era igual a um pedagogo hoje. Mas tinha que fazer tudo né, as vezes dizia: ah, você vai dar aula de tal coisa” aí tinha que dar o jeito. Então a preparação prévia mesmo era só terminar o magistério, que a gente chamava n’era, depois passou num sei nem pra que agora. Tinha as reuniões pedagógicas e preparava os planos de aula e pronto. Todo semestre, pelo currículo nacional. (Professora 6)*

A preparação para entrar na sala de aula e interagir acontecia de diferentes maneiras, e além da preparação prévia, a professora 4 relata que aproveitava as oportunidades em temáticas oriundas das notícias trazidas pelos alunos. No nível institucional, a preparação incluía reunião de professores, formação continuada e até mesmo a continuidade dos estudos para aquelas que ingressaram tendo cursado somente o curso primário.



A respeito dos obstáculos, somente a professora 1 relatou relacionado a estrutura física do grupo, conforme segue:

*O único obstáculo que tinha é que nossa escola, o Grupo, o Otávio Meira, o único não, tinha alguns, mas que eu me lembro bem, era difícil pra nós controlarmos os alunos na hora do recreio, porque não era murado. Mesmo que a gente tivesse a capacidade de mantê-los dentro lá, mas tinha uns que sempre tavam fugindo, saía na hora do recreio, entendeu. Outros, tinha uma, bem de frente tinha uma mercearia, ele aproveitava pra ir, ficava aquilo sabe, saiam. Um pouco difícil não ser murada a escola, esse era um dos obstáculos, porque podia entrar qualquer pessoa, e tinha pessoas aqui no município que já usavam drogas, essas coisas né, as vezes eles entravam e faziam coisas que não deviam né, e os nossos alunos ficavam prestando atenção. Aí a gente queria assim fazer uma coisa organizada porque, geralmente, eu né, com a minha turma, eu gostava de que meus alunos, quando batia a campã, eu gostava que eles ficassem todos em fila, de dois a dois, que entravam que era pra gente fazer uma oração antes de começar as aulas, sempre gostei disso. [...] Então, eu achava ruim né, porque a gente não podia fazer esse tipo de coisa que os outros ficavam, era jogando pedra, tinha um pouco de anarquia né. Só isso, assim, entrava qualquer pessoa pra atrapalhar um pouco né, a gente tava trabalhando se depara com aquela pessoa olhando sabe, assim, quem vai passando entra né, num pode porque antigamente não é como hoje, hoje tem muito funcionário né. Naquele tempo, era uma coisa difícil pra nós, o governo não pagava auxiliar de secretaria, aí os professores tinham que fazer boletim, tinham que fazer ficha, além de já ter a sua própria caderneta pra preparar ainda tinha que fazer esses serviços, boletins e fichas de alunos, e mapas, pra deixar tudo organizado, porque não tinha os auxiliares de secretaria, depois que foi chegando. Em todo o Estado era assim. Era muito trabalho pro professor, além de ter que dar a sua aula, preparar seu simples plano de aula né, ainda tinha que ser essas coisas (Professora 1).*

As docentes ministravam todas as disciplinas da série em que atuavam, e as professoras atuavam em diferentes séries, mudando anualmente.

*Dava aula de português, matemática, ciências, todas as disciplinas básicas e geografia (Professora 2).*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*Ensinava, por exemplo, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série, matemática, português, história, integração social que chamava história e geografia, né, e as ciências. [...] a disciplina que eu gostava mais era português e geografia (Professora 4).*

A relação dos professores com os alunos era bem amigável, conforme o relato das docentes. Em algumas falas das docentes, pode-se perceber o respeito proveniente do medo, visto que havia castigos para aqueles que promovessem a desordem no espaço escolar. As professoras relatam que são reconhecidas por seus alunos e chamadas de professoras até hoje, e sentem-se satisfeita pelo reconhecimento e pelo abraço recebido daqueles que foram seus alunos na relação escolar. As entrevistadas mencionam ainda a baixa incidência de atos violentos no ambiente escolar.

*Professor/aluno, ah meu Deus. É, quanto professor, eu acho que os alunos entendiam, os alunos respeitavam, tanto eu respeitava eles também, porque o professor tem que respeitar o aluno também. Quando a gente se respeita, eles respeitam a gente. Muita conversa, se meu aluno era mais danado que o outro, eu conversava com ele, eu mudava ele de um lugar pro outro, as vezes tavam arengando aí “ah vem aqui coçar minha cabeça”, aí eles vinham e coçavam minha cabeça (risos), aí outro dizia “sai daí, a professora disse que é eu”, ah, era tão engraçado (Professora 3).*

*Ah, era bom, que eles obedeciam a gente né. Claro que tinha meninozinho danado também né, bem danadinho mas a gente ia com carinho, eu sempre digo: quanto mais danado o aluno, mas ele precisa ser amado. Porque a mãe tem dois, três filhos, mas sempre tem um que é mais danadinho. Então, ela vai discriminar aquele que é mais danado? Não, ela tem que amar igual, aquele, ela tem que dar uma atenção especial, maior, né. Assim é na sala de aula. Era na sala de aula. [...] A gente tem que educar. Então, naquele tempo a gente encontrava mais facilidade na sala de aula do que hoje, porque as crianças obedeciam em casa. Quando saía de casa a mãe dizia: “olha obedeça a professora, respeita a professora”. A mãe começava a ensinar as coisas pros filhos, com a cultura muito baixa, não importava, mas educava os filhos (Professora 6).*



Os valores morais e do civismo são relacionados a atos de bondade, comportamento exemplar. As celebrações organizadas, como no exemplo da festa alusiva ao dia das mães em que a participação das crianças na preparação da festa ensinava valores relacionados a família.

A respeito das metodologias utilizadas na relação ensino/aprendizagem, as professoras relatam que não havia muitas tecnologias midiáticas disponíveis, a aula era no geral expositiva, com uso da voz, quadro e giz. No mais, as famosas tabuadas com os bolos nas mãos de quem errasse, a professora 1 aponta isso como fator motivacional para estudar. A professora 4 não gostava de castigar e descreve, com sua excelente memória, as diferentes metodologias utilizadas em cada disciplina. A professora 5 relata sua experiência no ensino da leitura, e diz que é o passo mais importante na aprendizagem.

*A gente usava os cartazes, o livro didático, essas coisas. As vezes a gente fazia tipo assim uma gincanazinha, aí naquele tempo fazia a tabuada (risos), escola tradicional (faz sinal de bolo nas mãos), bora ver a tabuada. Naquele tempo era bom, que eles sabiam mesmo né. Hoje em dia você pergunta pro aluno ele tem que tá com uma maquininha. Quem não soubesse, era o próprio aluno que dava no colega, aí por isso que ninguém queria apanhar né, aí estudava que só. Podia ser método arcaico mas dava certo. É, a escola antiga tinha muita coisa boa, tinha muita coisa que a gente podia colocar (Professor 1).*

*Passava no quadro de giz. Tinha cartilha, naquele tempo tinha cartilha. Era cartilha mesmo, era (risos), como é, aquela A, B, C, D, E, F, G, H, aquelas cartilhas bem básicas. E no livro também, eles tinham aquelas, copiavam do livro, eu passava no quadro também (Professora 2).*

*O ensino se dava de duas formas, em grupo e individualizado, porque tinha aquele aluno que tinha mais dificuldade também e tinha que dar uma atenção especial pra ele. Agora em grupo tinha que ser, tinha os trabalhos que eles faziam em grupo, aí reunia os grupos direitinho*



*pra eles fazerem os trabalhos, eu gostava muito de passar os trabalhos pra eles (Professora 5).*

A carência de recursos e materiais didáticos dificultava a ação docente no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira. Havia grande preocupação com a aprendizagem, a grafia correta das palavras, a tabuada. Para Faria Filho (2007, p.139) ensinar a *ler, escrever e contar* agregava valores e conhecimentos que deveriam ser ensinados às novas gerações.

Os conteúdos e materiais didáticos incluem, no geral, mapas, globos, livros didáticos, uso de figuras

*Eu gostava, por exemplo: pra ensinar a ler, português, a gente fazia muito com figuras como ainda faz hoje, macaco, vou ensinar a letra m hoje, “que desenho é esse?” “macaco”, ilustrar, aula ilustrada; e ciências, eu gostava de uma plantinha né, eu mostrava, agora, história, tinha cartaz naquele tempo a gente fazia mas era muito difícil a gente fazer um cartaz pra mostrar. Naquele tempo, era geografia né, que era de primeira a quarta série, e a gente as vezes ia ver a natureza, a natureza naquela época era muito diferente da de hoje, ichi, se a gente for enumerar. Aqui em Benevides era uma cidadezinha balneário quase, de tanto igarapé que tinha, igarapés bons. Hoje em dia não tem mais na da, acabou, porque vão acabando com a natureza. Naquele tempo a gente já falava que isso ia acontecer, porque foi começando o desenvolvimento né, negocio de fazendas, indústrias, foi acabando com a natureza, naquele tempo a gente já falava que isso ia acontecer e hoje num tem nada mais, pra gente ir tomar um banho tem que ir longe, procurando igarapé. A história, pra gente dar aula de história sempre era fazendo comparação né, daquele tempo pra hoje, mostrando as datas comemorativas, pegava a bandeira nacional, quando ia dar aula sobre o civismo, cantava-se o hino, tudo alusivo a pátria nas aulas de história. Hoje em dia os meninos não sabem nem cantar o hino nacional, não sei nem o que se aprende mais (Professora 6).*

As atividades aplicadas para avaliar a aprendizagem dos alunos variavam, havia professor que avaliava somente com o teste, outros com assiduidade, participação, questionário, trabalho em grupo, gincana. A avaliação classificatória foi introduzida no



ensino primário no grupo escolar, quando iniciou o processo de classificação dos alunos por nível de conhecimento.

*Oh, eu tinha vários, por exemplo, dos meus alunos eu fazia um caderno circular. Eu tinha um caderno grande né, cada dia eu dava pra um aluno aquele caderno, onde todo o dever da sala de aula, tudo o que acontecia naquele dia era registrada naquele caderno e aí, quando chegava perto assim das provas né, eu fazia assim um pretestezinho de cada disciplina pra ver, aí eu falava pra eles assim “olha, meus filhos, aqui na sala de aula você não vai levar sua nota da sua prova”, isso já no terceiro ano em diante, que já era mais fácil pra fazer isso, terceira série. Os outros era mais simples, aí, “porque professora”, eu digo “porque, olha, eu vou conferir o comportamento de vocês, assiduidade” “o que é assiduidade professora?” “é a presença, se vocês não faltam muito. Então, você é assíduo, você vem todo dia pra aula, vou conferir isso, o comportamento, se você presta atenção nas aulas, por isso que eu faço as aulas de leitura, por isso que eu faço a tabuada, porque é um conjunto. A prova de vocês vai valer 8 e desses outros recursos eu vou dar 2 pontos. Então, se você por exemplo for um aluno que você presta atenção que quer aprender, que você tá sempre atento, você já vai ganhar dois pontos e a prova vai valer 8”. “ah, mas eu num quero isso” “não, mas não é você não querer, é o meu modo de avaliar o aluno, aí você fica com 8 se você não fizer nada”. Aí era mais quem fazia, tirava cinco e com dois ficava com sete. Eles faziam direitinho. Aí aquele caderno era justamente pra quando na reunião, mãe reclamava de alguma coisa falava assim “olha, é passada aqui toda a matéria pro aluno, eles fazem aqui na sala de aula, é porque falta estudarem em casa, aqui, num da tempo da gente rever tudo. Então a mãe tem que botar o aluno pra rever o seu trabalhinho em casa.... Toda vez que era em dia de prova era assim, no final do ano, aqueles que tinham seus cadernos organizados também, que tava tudo ali escrito direitinho, os trabalhos que eles faziam na sala de aula, aí a prova valia 9 e eu dava um pontinho do caderno, ficavam com 10. Aí muitos tiravam 8, ficavam com 9, e assim ia né, e muitos tiravam 9 e ficavam com 10. A maioria passava. Olha, muitos passavam, muitos repetiam, mas a maioria passava, graças a Deus. Graças a Deus a maioria passava, tanto no supletivo quanto nas séries, no jardim de infância, preparatório. Graças a Deus eles passavam porque eu me esforçava, por causa do esforço porque com tudo isso que eu fazia eles pegavam gosto. Eram bons alunos. [...] É muito bom né. Então tem muita coisa que eu tenho muita saudade (Professora 1).*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*Aí a gente fazia assim: eu, gostava de fazer questionário pra eles, hoje nem se usa mais, mas naquela época usava muito questionário em sala de aula, em história, geografia, sempre fazia aquele questionário, era perguntas e respostas. Aí no dia da prova o quê que eu fazia? Dizia: “vou repetir a pergunta com a resposta”, e as vezes invertia. Tinha aluno que entendia né, tinha aluno que dizia “professora, a senhora não passou isso”, passei sim. Na hora de corrigir, eu dizia: “fulano, disse que eu num passei essa, essa aqui é a resposta da pergunta anterior”. “Ah, professora, num entendi”. Eles tinham que raciocinar, não podia fazer direto né, se não, não era nem uma prova. Eu passava o questionário, aí eu fazia isso. O questionário valia ponto, eram dez questões, de vinte questões que eu passava no questionário eu tirava dez, aí era a prova. Tirava às vezes a mais fácil, as vezes tirava uma só difícil. Às vezes, no questionário tinha uma resposta muito longa, aí aquela eu num botava, botava assim diferente. Era assim, naquela época não tinha trabalho, né, não tinha apostila, não tinha nada. Há muito tempo atrás já tinha aquele mimeografo, cheirava a álcool, a tinta forte que me dava dor de cabeça, eu ficava morta de dor de cabeça (Professora 3).*

*Naquele tempo era prova e prova, só prova. Não tinha muitos tipos não. Porque as provas, dizem “ah, diz que a prova não avalia a capacidade do aluno”, mas não tinha outro meio, era aquele mesmo. Até hoje é assim, vão lá em cima e embaixo, mas sempre faz o teste. Só que hoje não é prova, é avaliação. Naquele tempo o nome era prova, hoje é avaliação, só que a avaliação de hoje é muita coisa né. Criança de primeira série faz uma prova tão grande, é muita coisa, pelo menos o meu neto, faz assim. Mas naquele tempo era isso, era prova e também pra avaliar o aluno também a gente via na frequência, porque quando o aluno faltava muito ele era um aluno meio relapso né, avaliava na sala de aula também pelo comportamento, mas a aprendizagem mesmo só era a prova (Professora 6).*

A avaliação escolar, além de medir a aprendizagem do aluno, projetava também a evolução cidadã por meio de sua capacidade de interação, pontualidade, frequência, assim como relacionada a moral, respeito e civilidade. As heranças morais dos clérigos ainda são percebidas no discurso de docentes que diziam que os alunos estudavam por



saber da palmatória, castigo a quem respondesse errado, sendo este um incentivo a dedicação do aluno, de modo que aprendesse o conteúdo proposto.

### **Avaliação do exercício do ofício de mestre no grupo escolar**

Quando abordada sobre a auto avaliação do exercício docente, a professora 5 se eximiu e disse que não gosta de se avaliar. Na avaliação das demais, a professora boa era aquela que ensinava e via seus alunos aprovados, e hoje ver que encontraram um espaço na vida profissional.

*Eu, como se diz assim, eu avalio assim que foi bom, foi bom. Porque eu vi os meus alunos serem aprovados né, eu assisti eles irem estudar pro nível de quinta a oitava, e também depois eu vi eles irem pro segundo grau, muitos chegaram a faculdade. Hoje em dia estão formados, então pra mim isso é gratificante. Eu encontrar com eles, saber que estão bem. E muitos que não puderam seguir, por algum motivo, mas são trabalhadores e são profissionais assim motoristas e são também, como é que se diz, autônomos, trabalham com comércio, essas coisas. Onde eu encontro, sempre eu recebo um abraço. Então pra mim foi muito gratificante eu trabalhar como professora aí no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira, tenho muita saudade. Mais do que como diretora, porque diretora tem muito trabalho (risos). Isso é que é gratificante, minha filha, é isso! É uma beleza a gente ver, e é também bom a gente lutar pela educação, a gente fazer, aonde a gente estiver, que a gente puder dar nossa opinião para o bem-estar da comunidade, é muito bom (Professora 1).*

*Ah, eu achei que eu era nota dez né, não sei (risos), mas aí, os meninos aprendiam mesmo. Ta certo (Professora 2).*

*A minha avaliação, eu acho que pra mim foi boa né. Eu aguentei todos esses anos, saí graças a Deus, sempre fui benquista na escola, sempre amei meus alunos, eu nunca briguei com aluno... Só que eu num batia né, só dava uma prenda, pra eles aprenderem matemática e aí eles não reclamaram, acharam foi legal, queriam era mais. Só que eu num batia não, que num podia, mas foi ótimo, pra mim foi ótimo (Professora 3).*

*Ai, eu acho que eu era, sei não. Eu acho que todos os alunos até hoje quando me veem, podem ser velho tudo, “essa que é a professora!” “ai, professora, nunca fica velha!” Professora Lucia é muito falada*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*pelos alunos. Aí meu mapa no fim do ano era 75% pra frente. O mapa que fazia pra ir pra seduc, aí o professor lançava todinho a frequência dos alunos, todinho, multiplica, divide. Meus alunos não faltavam, nunca desistiram, não tinha desistência e passavam. Pelo menos a terceira série que eu peguei repetente foi 100% meu mapa, passou tudinho bem passado e bem aprendido mesmo (Professora 4).*

As observações positivas e negativas feitas pelas professoras seguem abaixo. Entre as negativas, foram narradas denúncias de perseguição política, o trabalho de secretaria que era exercido pelas docentes, a falta de material didático, assim como os males causados pelo pó de giz. Os aspectos positivos são, em sua maioria, o acesso ao trabalho, aposentadoria, a facilidade que a professora tinha para conseguir uma vaga para trabalhar e a realização profissional no campo educacional.

*Olha, eu destaco o seguinte, é, eu não queria gravar isso mas, é o seguinte: na época em que eu fui convidada pela diretora pra ser a diretora no lugar dela, ficar que ela ia pra Belém, aí o prefeito da época queria outra pessoa, então fui muito perseguida no meu trabalho. Queriam sempre fazer não funcionar o que eu estava fazendo. É porque eu tive muita coragem e a fé em Deus, muitas que trabalharam comigo sabem disso, porque queriam colocar parente, queriam colocar outras pessoas, mesmo porque diz que eu não era daqui de Benevides, eu tinha vindo de Belém. Entendeu? Aí achavam que a diretora fez mal em me colocar. Então, mesmo também porque eu não deixei nenhum político mandar na escola, quando eu estava lá. Eu consegui centenas, eu acredito, se for colocar bico de lápis eu posso um dia lhe dar a lista das pessoas que eu arranjei emprego pra ser professora, pra ser servente, pra ser porteiro. Porque iam me pedir e eu procurava minhas amigas lá na seduc, que eu tinha estudado junto no iep, elas eram de certos departamentos de pessoal, desse deap, de tudo. Então, eu tinha facilidade, até com os secretários que tinham sido meus professores. Então eu nunca pedi nada pra nenhum político pra arranjar um emprego pr'aquela pessoa. Entendeu? Então eles queriam que eu fosse pedir pra eles e eu não quis porque, houve uma época em que uma pessoa me pediu, um prefeito me pediu umas papelada, que quando eu fui olhar tava arquivado, uma amiga minha lá da seduc me chamou e mostrou, aí eu peguei, tirei e levei aonde tinha que colocar. Aí veio tudinho. Você acredita nisso? Foi muito assim na época, muito como se diz,*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*perseguida, por isso. Sempre queriam botar areia nas coisas que eu fazia, foi muito difícil pra mim, mas eu fiquei até o fim, eu fiquei de 1975 a 2001 no Begot e no Otávio Meira eu fiquei de 1973 a 1988. Graças a Deus fui, eu fui, aposentada, graças a Deus, por mérito, graças a Deus, teve nada que desabonasse a minha conduta, graças a Deus. O que tentaram fazer comigo não houve provas. Estou em paz com Deus, graças a Deus e comigo mesmo. Sou feliz por ter sido e ter tido esses alunos todos. Olha, positivo, [...] no Otavio Meira, a parte positiva é que eu comecei lá com o trabalho da quinta e sexta série né, como você diz, que era o primeiro grau. Aí eu comecei, quando eu saí aposentada, já tinha professores trabalhando com hora aula lá, aí depois vieram outras diretoras e deram a continuidade e hoje em dia, muita gente estuda lá né, no segundo grau. Então, o que não era murado, deixei murado. A rede elétrica que era toda, todo dia dava aquele circuito na frente, eu consegui com a esposa do Hélio Gueiros, Terezinha Gueiros, na época que ela foi da seduc, ela deu uma verba pra mim mandar fazer. Antes de eu sair, eu deixei direitinho a rede elétrica toda feita novamente. Que tava muito, terrível né, e ela feita, foi toda feita mesmo. E o muro, que tem até hoje que você vê, foi o que eu deixei. Já deixei as salas de aula, [...] Olha, agradeço que você me procurou né pra falar todas essas coisas sobre educação porque, realmente eu dou muito valor pra ela. Porque eu amo a minha profissão, muito, e desejo que alguém que esteja na ativa agora lute por ela, pra ser melhor para os professores, pra todos nós. Quem vai lucrar com isso são os alunos, a comunidade escolar, todos os níveis (Professora 1).*

*Não, pra mim tudo foi bom porque, se hoje em dia eu to aposentada agradeço ao meu serviço, não tenho nada de negativo, não. Com todas as dificuldades, sem recurso, sem transporte, no início era longe, mas não tinha estrada, era caminho. Agora não que agora já tem estrada, mas naquele tempo não existia isso, era só por meio mesmo de caminhozinho e era lama, era uma mata, tinha que atravessar a mata. Mas graças a Deus, eu ainda agradeço muito a Deus por ter me dado essa oportunidade, agradeço muito (Professora 2).*

*O positivo naquela época era porque a gente tinha mais facilidade assim pra entrar na escola, começar a trabalhar, entrar num colégio pra trabalhar e o negativo era que não tinha recursos, recurso próprio pra fazer um bom trabalho, era tudo a mão e era as carreiras, a gente tinha que tirar tempo num sei da onde pra dar conta,*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*principalmente no fim do ano, quando eu passei pra educação especial, piorou, eu trabalhei muito. Aí foi no ano que eu casei, aí fiquei grávida logo, aí fazia um curso de educação especial lá no colégio moderno. Aí eu peguei uma queda, quase correndo pra chegar na hora certa, porque eu nunca gostei de chegar atrasada em nada. Pensa numa pessoa que não gosta de chegar atrasada em nada, na igreja, em reunião, em nada. Prefiro não ir do que chegar atrasada, chegar às carreiras, num gosto não. Eu nunca cheguei atrasada na minha sala de aula. Nunca! Nunca, nunca, nunca. Se pegar o livro lá dos anos que eu trabalhei, pode ver, que a professora Graça não tem nenhuma falta, se eu faltasse era por doença, ou meu ou dos meus filhos (Professora 3).*

*Negativo não, tinha não. Positivo era respeitar assim a diretora, a supervisora, n'era. É, porque tinha a diretora muito boa, fazia reunião todo mês. Tinha a supervisora, que ela ficava na sala, gostava mais da minha sala, num saía da minha sala, ela dizia: “ah, professora Lucia, agente entra nas outras salas sai doidinha com dor de cabeça” e eu dizia: pois era lá que era pra senhora ficar mais tempo. Né aqui, ela gostava de ficar na minha sala, sala silenciosa, os alunos sabiam responder, num passava vergonha não (Professora 4).*

*Pra mim foi bom né, porque eu ia ficar aqui parada, [...] eu arranjei um emprego, fui com o ex prefeito né, que arranjou um emprego pra mim, aí comecei a trabalhar no Otavio Meira lá, depois construíram esse outro prédio, passei pra aqui, aí tem o Begot, aí chegou uma nova diretora, aí eu fui remanejada pro Begot, e lá eu me aposentei. Mas pra mim foi muito bom, serviu muito, porque pelo menos eu poder ajudar meu marido né. Ele é militar, da polícia militar, então foi uma boa ajuda que eu dei pra ele, e eu dou graças a Deus, porque me serviu demais, serviu muito mesmo. Me senti muito bem, realizada na minha profissão (Professora 5).*

*Ah, a positiva é essa mesmo, tinha coragem, tinha garra, gostava de ir, eu era dinâmica. Agora as negativas é, que tinha pouco recurso, queria fazer uma coisa melhor e não podia. Trabalhava mesmo. Época de fim de ano, rum. O primário tinha 4 turmas, aí eram quatro mapas que tinha que fazer pra gente, quatro mapas pra secretaria, quatro mapas pra SEDUC. E num podia errar um númerozinho, que se errasse fazia tudo de novo e era aquele papel com o quadrado bem pequenininho, chega eu ficava cega. Uma vez eu fiz de lápis, tudinho*

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



*de lápis com medo de errar que eu já tinha feito num sei quantos e tinha errado, fazer de lápis depois eu cubro tudinho, aí eu fui cobrir. De positivo era o dinamismo mesmo da gente, ia pra escola, tinha aquela comunhão com os colegas, nosso trabalho, saber que tinha nosso dinheiro no fim do mês. Naquele tempo a gente tinha as dificuldades, de material pedagógico que num tinha não, num tinha o mínimo as vezes até o giz faltava. Tinha o pó de giz que chega pregava tudo no cabelo. Sempre teve as dificuldades, e sempre terá, não vai existir presidente no Brasil, no mundo que diga assim, nesse lugar não falta nada (Professora 6).*

A transformação da Escola Reunida Doutor Otavio Meira em Grupo Escolar, assim como a mudança de prédio para um novo e maior espaço formativo, fortaleceu a garantia do acesso à educação escolarizada à população do município de Benevides, criado em 1961.

No prédio em que funcionava a escola reunida e inicialmente o Grupo Escolar Doutor Otavio Meira havia apenas duas salas, o novo prédio contava com quatro salas grandes, chegando ao registro de 1.167 matrículas no Grupo Escolar de Benevides (PARÁ, 1968, p.86), conforme informa a Mensagem do Governo à Assembleia Legislativa no ano de 1968.

Uma grande conquista relatada pela professora 1 foi a construção do muro para cercar o terreno do grupo. A mesma relata que sem o muro, era difícil controlar o limite estabelecido aos alunos, o que tornava o ambiente inseguro, visto que eles saíam para a rua no horário do recreio. Além disso, pessoas estranhas transitavam no espaço escolar, e alguns praticavam situações de vandalismo, provocando medo nos que ali atuavam. Essa conquista ocorreu na década de 1970. Posteriormente, novas salas de aula foram construídas a fim de atender a demanda educacional do município. Abaixo, algumas imagens nos permitem visualizar algumas das modificações pelas quais passou a estrutura física do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira:

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



Imagem 03: Prédio onde funcionou a Escola Reunida Doutor Otavio Meira e inicialmente o Grupo Escolar Doutor Otavio Meira. Posteriormente, neste prédio funcionou o Posto médico, coletoria e Posto Policial. (PARÁ, 1971)



Fonte: Acervo particular.

Imagem 04: atualmente, três residências compõem o espaço.



Fonte: Acervo particular

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



Imagem 05: Grupo Escolar Doutor Otavio Meira (PARÁ, 1971)



Fonte: acervo particular

Imagem 06: Fachada atual do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira (Acervo Particular)

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



Fonte: acervo particular

Imagem 07: Área interna do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira após a construção do segundo pavilhão de salas de aula.



Fonte: Acervo particular.



O Grupo Escolar Doutor Otavio Meira existiu enquanto grupo entre os anos de 1965 a 1976, visto que após a promulgação da lei 5692/1971 extinguiu os grupos escolares, mas os mesmos continuaram funcionando até a conclusão do ensino primário dos alunos que estavam cursando, o que durou até o ano de 1976.

Imagem 08: Docentes do Grupo Escolar Doutor Otavio Meira (FONTE: Arquivo particular da professora Tarcila do Nascimento Cabá)



Fonte: Acervo particular.

A atuação docente no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira era influenciada por políticos tanto da esfera estadual quanto da municipal. O conhecimento a respeito das políticas estaduais para o ofício de mestre era baixo, contudo, isso não afetava sua atuação na prática educativa.

### **Conclusões**

O contato com as docentes, sempre receptivas e dispostas a participar desta pesquisa foi uma experiência muito enriquecedora. A agenda delas é bem movimentada, mas elas se dispuseram a separar parte de seu tempo no intuito de colaborar relatando suas experiências enquanto docente e agradeceram por ter sido convidadas a compartilhar sua vivência, o que fizeram com sorrisos de alegria e em alguns momentos, olhos marejados de emoção, como no momento em que uma delas relatou que uma



faxineira incinerou suas recordações do período em que atuou como docente. Elas relatam ter saudade desse tempo, em que puderam contribuir para a construção do caráter e do corpo de conhecimento dos que foram seus alunos.

Houve melhorias no atendimento ao Grupo Escolar Doutor Otavio Meira no que se refere a estrutura física, mobiliário, material didático-pedagógico, assim como na contratação de pessoal.

Quando da realização das entrevistas com as docentes que atuaram no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira em Benevides, percebeu-se a diferença entre os anos iniciais e finais deste grupo escolar, que seguiu este modelo institucional entre os anos de 1965-1976, tanto no que se refere à estrutura física quanto ao acompanhamento das professoras. Elas relataram a ausência de materiais didáticos, contudo, havia livros e cartilhas para auxiliarem a sua ação no processo ensino-aprendizagem. A estrutura que inicialmente contava com duas salas mudou para um prédio com quatro salas de aula. As docentes relacionam os impedimentos a um melhor desempenho docente a falta de materiais didáticos e a estrutura física do Grupo Escolar.

O ofício de mestre não só acompanhou as docentes no período em que as mesmas atuaram em instituições escolares, mas acompanha até hoje, quando as mesmas encontram seus alunos e sentem a alegria em saber que prosseguiram seja na continuidade da carreira estudantil ou mesmo trabalhando e vivendo de maneira digna ao lado de sua família constituída.

Neste período histórico, principalmente na década de 1960, havia grande contingente de professores leigos, visto que a quantidade de professores normalistas não foi suficiente para atender a crescente demanda educacional dada pela expansão da escolarização à população que antes não tinha acesso à instrução em instituição escolar, bem como em razão do clientelismo adotado na forma de contratação do funcionalismo



público temporário, sob o argumento oficial de atribuir qualidade ao sistema de ensino configurado sob a forma de Grupo Escolar.

A concepção de currículo que as entrevistadas guardaram nas suas memórias é reduzida ao conjunto de conteúdos disciplinares destinado a cada série, contudo, isso não as impediu de incorporar elementos propostos pelo currículo oficial direcionado à formação cidadã nacionalista, evidenciada pela prática de rezas e cerimônias relacionadas a símbolos nacionais, principalmente o hino nacional.

A prática destas docentes era dificultada pela carência de materiais didáticos e algumas vezes pela estrutura física que abrigava esta instituição escolar. Havia um bom relacionamento entre as docentes deste grupo, seja entre a categoria em si, seja entre elas e os alunos.

Ter exercido o ofício de mestre no Grupo Escolar Doutor Otavio Meira foi motivo de realização pessoal e profissional para as professoras entrevistadas. Entre as vantagens apontadas pelas mesmas para a sua atuação docente é comum entre elas a obtenção da aposentadoria após o período em que exerceram sua atividade docente.

## Referências

ARROYO, Miguel González. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL. **Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espacolegislação/EDUCACIONAL/NACIONAL/ldb%20n%C2%BA%205692-1971.pdf>

CORRÊA, Paulo Sérgio de Almeida; BARRETO, Brianna Souza. Exigências para o exercício do ofício de mestre nos grupos escolares no Brasil no contexto da ditadura militar. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 104-123, jan./abr. 2017 DOI:

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



<http://dx.doi.org/10.25053/edufor.v2i4.1931> <http://seer.uece.br/redufor> ISSN: 2448-3583.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Instrução elementar no século XIX** In: VEIGA, Cynthia Greive, FARIA FILHO, Luciano Mendes de, LOPES, Eliana Marta Teixeira. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

PARÁ. Governador, 1966-1971 (Alacid da Silva Nunes). **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Pará em 15 de março de 1968**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1968.

PARÁ. Governador, 1971-1975 (Fernando José de Leão Guilhon). **Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Pará em 31 de março de 1971**. Belém: Imprensa Oficial, 1971.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 4. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

## Sobre os autores

### **Paulo Sérgio de Almeida Corrêa**

Doutor em Educação. Professor Titular na Cadeira de História da Educação, na Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará. Atual Presidente e Sócio Fundador da Academia Igarapemiriense de Letras. Email: paulosac@ufpa.br

### **Brianna Souza Barreto**

Mestre em Educação. Pedagoga na Universidade Federal do Pará. Email: briannasba@yahoo.com.br

Recebido em: 21/06/2018

---

# Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade do Estado do Pará



Aceito para publicação em: 18/07/2018